

## IDENTIDADES LINGÜÍSTICAS EM CONTEXTO DE FRONTEIRA: APRESENTANDO UMA PESQUISA EM ANDAMENTO

Evódia de Souza BRAZ<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo objetiva apresentar uma pesquisa de mestrado em Lingüística Aplicada, de base interpretativista e de cunho etnográfico, em fase de geração de registros, realizada na fronteira Brasil x Venezuela, na cidade de Pacaraima (Roraima/BR), em território indígena. Tomando como pressupostos teóricos conceitos de identidade e representação, e buscando pensar em políticas lingüísticas capazes de acomodar esse ambiente lingüístico conflituoso, esta pesquisa foca a construção de identidades nacionais e lingüísticas, de brasileiros e estrangeiros, em zona de comércio, analisando, a partir da *Sociolingüística Interacional*, as representações culturalmente construídas das línguas presentes nesse contexto fronteiriço.

**Palavras-chave:** Fronteira; Identidade nacional; Identidade lingüística.

**RESUMEN:** Este artículo objetiva presentar una investigación de maestría en Lingüística Aplicada, interpretativista y de carácter etnográfico, en marcha, realizada en la frontera Brasil x Venezuela, en la ciudad de Pacaraima (Roraima/BR), en territorio indígena. Tomando como presupuestos teóricos conceptos de identidad y representación, e intentando pensar en políticas lingüísticas capaces de acomodar ese contexto lingüístico de conflicto, esta investigación se pone a observar la construcción de identidades nacionales y lingüísticas, de brasileños y extranjeros, en zona de comercio, analizando, a partir de la *Sociolingüística Interacional*, las representaciones culturalmente construidas de las lenguas allí presentes.

**Palabras-clave:** Frontera; Identidad nacional; Identidad lingüística.

### 1. Pressupostos teóricos que orientam esta pesquisa

#### 1.1. A construção das identidades nacionais

Dentre as grandes narrativas elaboradas na Modernidade, a idéia de nação constitui uma das invenções mais convincentes que se fossilizaram no interior das comunidades. A idéia de pertencimento a uma determinada nação faz parte da constituição das nossas identidades; o compartilhar de uma historia grandiosa, *o mito fundador da nação*, como menciona Hall (2006), de fazer parte de uma cultura nacional, de possuir uma língua nacional, de comungar com os episódios gloriosos e dolorosos vividos por um grupo, de vincular-se a uma nacionalidade que nos fornece um lugar no mundo, a segurança de ser partícipe de uma tradição que está ali antes e depois da nossa existência, naturalizaram-se dentro de nós. As identidades

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, IEL – UNICAMP.

não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial [...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. (Hall, 2006, p. 47-48)

A nação constitui-se, portanto, em um mecanismo simbólico; ela constrói significados e representações, os quais formam e transformam nossas identidades e contribuem para desenvolver um sentimento de lealdade: lutamos, matamos e morremos pela nação. A cultura nacional institui elementos concretos que constituem, organizam e regulamentam comportamentos generalizados, promovendo a idéia de uma cultura e uma língua homogênea. A crença em uma mesma língua falada nos limites fronteiriços da nação é uma das estratégias mais eficazes para esse propósito.

As nações foram criadas propositalmente: os Estados precisavam inculcar na mente de seus habitantes a imaginação de uma comunidade nacional homogênea, partícipe de uma mesma língua e cultura, além de um sentimento de lealdade e adesão incondicional a esta nação, para que o Estado se impusesse como soberano.

Este projeto de construção nacional que originou as nações européias também foi posto em prática nos movimentos de independência de suas ex-colônias. No momento de independência,

o colonizado conserva os empréstimos e as lições de uma longa coabitação [...] o colonizado reivindica e luta em nome dos próprios valores do colonizador, utiliza suas técnicas e pensamento e seus próprios métodos de combate. (é preciso acrescentar que é a única linguagem que o colonizador conhece). (Memmi, 1989 [1920], p.170)

Após o período colonial, iniciou-se, portanto, a construção das narrativas nacionais, com seus símbolos e instituições que possibilitaram a construção de uma identidade nacional própria. Quando se pensa em termos do Brasil, é nesse momento que a narrativa nacional brasileira passa a ser pensada em termos de raça: o traço distintivo entre brasileiros e portugueses é a mestiçagem característica do povo brasileiro.

Com relação à língua, no contexto brasileiro, vale salientar que no momento da chegada dos portugueses ao Brasil, existiam cerca de 1200 línguas indígenas. Acrescido a elas, a Metrópole introduziu em solo brasileiro a língua portuguesa, além de outras línguas de origem africana, devido ao tráfico de escravos. Como esclarece Beremblum (2003), durante os dois primeiros séculos de dominação portuguesa, devido ao plurilingüísmo inerente ao território brasileiro, utilizou-se uma língua franca, de origem indígena – a *língua geral* -, por

iniciativa jesuítica. Em 1759, no entanto, os jesuítas são expulsos do Brasil e a língua geral é posta de lado. Surgem, a partir de então, as primeiras redes de ensino não jesuíticas e o português passa a ser obrigatório no ensino.

Apesar do evidente plurilingüísmo característico brasileiro, ainda depois do extermínio de muitas línguas indígenas durante a colonização, no momento de independência do Brasil, no qual é posto em marcha o projeto nacional, a obsessão é por fixar uma língua portuguesa em continuidade com Portugal ou uma língua brasileira (um português falado no Brasil). Esquecem-se as demais línguas e, no interior das representações construídas pela narrativa nacional, o português passa a ser a única língua a ser utilizada em todo o território brasileiro. Instala-se aí o mito de um país monolíngüe.

Conforme Cavalcanti (1999) e Maher (2007), existem atualmente no Brasil mais de 180 línguas indígenas, a Língua Brasileira de Sinais LIBRAS e cerca de 30 línguas de imigrantes utilizadas cotidianamente em território brasileiro. Somam-se a isto as línguas africanas que ainda se fazem presente nos cânticos e orações religiosas em comunidades quilombolas. Apesar disto, o mito de um país monolíngüe instaurado no projeto de construção da nação brasileira permanece vivo nas representações da identidade nacional e, pior ainda, estas representações acabam por marginalizar e discriminar os comportamentos lingüísticos e culturais que fogem ao padrão hegemônico legitimado por tal narrativa nacional.

### *1.2. As identidades nacionais no contexto conflituoso de fronteira*

Em contextos de fronteira, os conflitos identitários colocam-se de maneira crítica, dado o plurilingüísmo que os caracterizam. Nestes espaços, a legitimidade de uma identidade nacional homogênea defendida de modo ferrenho torna-se demasiado evidente e o rechaço e a discriminação das identidades destoantes são inevitáveis, pois estas passam a ser vistas como uma ameaça à unidade nacional.

As fronteiras são espaços onde opera significativamente o poder do Estado, o qual ainda contribui fortemente para construir representações homogêneas (discursos de nação, raça, gênero) da identidade. Para Cunningham & Heyman (2004), sobretudo nas fronteiras nacionais, as identidades da pós-modernidade ainda são formadas pelas velhas estruturas da modernidade - território, governo, Estado.

Há que se considerar também, paralelamente às representações construídas da narrativa nacional, os processos de globalização, a migração e o multiculturalismo da contemporaneidade, que fraturam os campos sociais, fomentam as políticas identitárias e fragmentam as identidades. Em região de fronteira, um contexto plurilíngüe onde há a defesa

ferrenha das identidades nacionais homogêneas, esta questão coloca-se ainda mais conflituosa.

As fronteiras são, ao mesmo tempo, espaços de mobilidade e contenção: há a subversão e há a legitimação das estruturas tradicionais, o que possibilita, evidentemente, cruzamentos e hibridismos. Nestes contextos, evidenciam-se muito fortemente, portanto, as guerras culturais em torno da representação.

Faz-se necessário, assim, pensar em políticas lingüísticas que tratem desses espaços, que sejam capazes de acomodar as diferenças inerentes a ele, contribuindo desse modo, para a minimização de discriminações das identidades não hegemônicas e construção de identidades mais positivas. Em contextos bi/plurilíngües não há como se pensar em tais políticas lingüísticas sem nos determos, de acordo com Rampton (1995), nas próprias *identidades lingüísticas*, ou seja, sem levar em conta as relações que os sujeitos estabelecem com as línguas que falam.

### 1.3. Um pouco de identidade e representação

As identidades culturais, ou seja, “o conjunto daquelas características pelas quais os grupos sociais se definem como grupos” (Silva, 2006, p.46), são construções discursivas. Não existem laços naturais de pertencimento que façam com que diferentes indivíduos formem comunidades de pertença; as condições sociais que possibilitam esta conexão entre indivíduos de um mesmo grupo, são constantemente construídas no interior da representação, através das práticas discursivas. Ainda segundo este autor,

aquilo que o grupo tem em comum é resultado de um processo de criação de símbolos, de imagens, de memórias, de narrativas, de mitos que “cimentam” a unidade de um grupo, que definem a sua identidade [...] esta comunidade imaginada é construída por meio de variadas formas de representação (Silva, 2006, p.47).

A representação adotada pela análise cultural está fundamentada na premissa de que as práticas discursivas constroem a própria realidade e estas práticas, socialmente construídas, são permeadas por relações de poder. As identidades são, portanto, afirmadas num campo de batalha por criação e imposição de significados, em um jogo político. Compreende-se, assim, que

a identidade é política, que a representação é política, os diferentes grupos sociais e culturais definidos por meio de uma variedade de dimensões (classe, “raça”,

sexualidade, gênero, etc.), reivindicam seu direito à representação e à identidade (Silva, 2006, p.47).

A identidade, segundo Cuche (2002), também é relacional; ela depende de algo que está fora dela para existir. Sou brasileira na medida em que não sou venezuelana, não sou chilena, tampouco mexicana. A minha identidade se distingue por aquilo que ela não é, mas que depende exatamente desta marcação da diferença para existir. Só existo porque existe o “outro” que é diferente de mim, portanto não pode ser eu.

Segundo Hall (2007), a diferença é ainda produzida por meio de oposições binárias – homem/mulher; branco/índio –, é afirmada por meio da repressão daquilo que exclui, estabelecendo uma hierarquia entre os termos que constituem o binarismo, em um desequilíbrio de poder. O pólo valorizado é sempre assimilado como a norma, enquanto o “outro” é visto como desviante.

Cuche (2002), apoiando-se em Barth (1969), afirma que a diferença cultural não é necessariamente o que separa os grupos culturais. A separação de um grupo, o estabelecimento de fronteiras, é resultado da vontade de se diferenciar dos “outros”. O processo de diferenciação dá-se de maneira estratégica: certos traços culturais funcionam como marcadores identitários. Quando se trata de contextos de fronteiras nacionais, a língua pode ser usada como traço identitário.

## **2. O contexto de pesquisa: a fronteira Brasil x Venezuela**

Como já dito anteriormente, este trabalho tem por finalidade apresentar uma pesquisa de mestrado em Linguística Aplicada, em fase de geração de registros, pesquisa essa de base interpretativista e de cunho etnográfico, realizada em contexto de fronteira Brasil x Venezuela, mais precisamente na cidade de Pacaraima, estado de Roraima.

O município de Pacaraima é a porta norte de entrada rodoviária do Brasil através da BR 174, a qual corta Roraima, de norte a sul, ligando-se ao estado do Amazonas. Pacaraima limita-se ao norte com a República da Venezuela, ao sul com os municípios de Boa Vista e Amajari, ao leste, com os municípios de Normandia e Uiramutã e a oeste, com o município de Amajari. O município, criado pela Lei Estadual nº 96 de 17 de outubro de 1995, tem uma área de 8.063,9 Km<sup>2</sup>, com uma população de 6.990 habitantes (censo 2000) e está inserido nas Reservas Indígenas Raposa Serra do Sol e São Marcos<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Ver anexo 01, A cidade de Pacaraima.

Pacaraima faz divisa com Santa Elena de Uairén, cidade venezuelana, no estado *Bolívar*, região turística da *gran sabana*. Esta cidade possui cerca de 20.000 habitantes (censo 2000) e seu custo de vida, em relação a Pacaraima, é mais barato.

Por ser uma cidade inserida em território indígena, Pacaraima vem sofrendo, desde algum tempo, a incerteza de sua permanência<sup>3</sup> devido às demarcações de terras indígenas. Houve, por exemplo, durante o ano de 2004, a demissão de muitos funcionários públicos, não concursados, pelo governo do estado. A partir de então, o município teve uma considerável evasão (Braz, 2004).

Apesar da crescente oferta de casas à venda em Pacaraima neste período, a compra de residências praticamente desapareceu e o aluguel aumentou. Os funcionários recém-aprovados em concurso público pelo governo do estado chegaram à cidade sem intenção de estabelecer moradia própria, e preferiram morar em Santa Elena de Uairén, onde o aluguel é mais barato.

A tramitação da homologação das terras indígenas em Pacaraima ainda continua, mas o município se desenvolve. Na área de comércio, por exemplo, foi construído recentemente, com recursos do Ministério do Turismo, o Centro de Turismo e o Centro Comercial Rittler Lucena já se encontra em funcionamento e em fase de construção de sua segunda etapa<sup>4</sup>.

### **3. A construção da identidade lingüística no comércio de Pacaraima**

Na região comercial da cidade fronteiriça de Pacaraima, em período de baixa temporada, os consumidores são principalmente moradores de Pacaraima, brasileiros e estrangeiros, e moradores de Santa Elena de Uairén, muitos dos quais, brasileiros. Os trabalhadores do comércio são principalmente brasileiros, venezuelanos e peruanos, sendo que estes últimos, comercializam principalmente o artesanato peruano.

O comércio é bastante movimentado nos períodos de alta temporada. Nesta época, os turistas mais numerosos são os venezuelanos, que saem em viagem pela região da *gran sabana*, e aproveitam para conhecer Pacaraima, ou simplesmente cruzam a fronteira, para conhecer outras partes do país. Neste período, o comércio contrata vendedores temporários, muitos dos quais vindos da cidade de Santa Elena de Uairén<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> A demarcação de terras indígenas no estado de Roraima é orientada de maneira a promover a desintração dos não-índios do território, daí a insegurança dos moradores de Pacaraima, que temem a extinção do município formado, praticamente, por não-índios.

<sup>4</sup> Ver anexo 01, O Centro de Turismo e o Centro Comercial Rittler Lucena, no comércio.

<sup>5</sup> Ver anexo 02, O comércio de Pacaraima em alta temporada.

As identidades nacionais emergem com muita intensidade em regiões de fronteira nacional porque estes espaços constituem justamente o ponto de encontro com o “outro”, é o momento propício para se afirmar as identidades nacionais. As regiões de comércio das áreas fronteiriças são permeadas por símbolos de identidades nacionais, muitos dos quais, transformados em produtos, são comercializados<sup>6</sup>.

O comércio de Pacaraima promove o encontro das línguas majoritárias dos dois países fronteiriços: o português e o espanhol (utilizadas nas relações sociais), que evidentemente, em muitas situações, se hibridizam<sup>7</sup>.

A intenção da pesquisa em questão é analisar, nesse cenário, a construção das *identidades lingüísticas* de brasileiros e estrangeiros, em região de comércio, focando suas representações acerca da língua portuguesa e da língua espanhola - bem como das variantes de ambas as línguas – e do portunhol. A análise do *corpus* da investigação será feita tendo por base as contribuições da Sociolingüística Interacional (Ribeiro e Garcez, 2002).

Procurando dar visibilidade a contextos sociolingüísticos ainda praticamente desconhecidos pelo país, busco responder à seguinte pergunta: que representações os sujeitos pesquisados constroem acerca de suas identidades lingüísticas, ou seja, que representações são culturalmente construídas acerca da relação que os sujeitos estabelecem com as línguas que compõem o seu repertório verbal? Essa pergunta desdobra-se em outras três: a) de que forma os sujeitos de pesquisa percebem sua relação com o espanhol? Como eles se posicionam, se é que o fazem, com relação às variantes dessa língua?; b) De que forma os sujeitos de pesquisa percebem sua relação com o português? Como eles se posicionam, se é que o fazem, com relação às variantes dessa língua?; e c) De que forma os sujeitos de pesquisa percebem sua relação com o *portunhol*? Que valor eles atribuem a essa forma híbrida?

## REFERÊNCIAS

BEREMBLUM, A. **A invenção da palavra oficial: identidade, língua nacional e escola em tempos de globalização.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BRAZ, E. S. **O contato lingüístico em área de fronteira Brasil x Venezuela: o português e o espanhol nas escolas de Pacaraima.** 2004. 52p. Monografia (Especialista). Centro de Comunicação, Educação e Letras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2004 (inédita).

---

<sup>6</sup> Ver anexo 02, As representações simbólicas da identidade nacional em região de comércio.

<sup>7</sup> Ver anexo 02, O hibridismo lingüístico.

CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre Educação Bilíngüe e Escolarização em Contextos de Minorias Lingüísticas no Brasil. **DELTA**, v.15, n. especial, 1999.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. V. Ribeiro. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

CUNNINGHAM, H.; HEYMAN, J. Introduction: Mobilities and Enclosures at Borders. **Identities – Global studies in culture and power**. Philadelphia, v.11, n. 03, p. 289-302, jun/set, 2004.

HALL, S. **A identidade na pós-modernidade**. Trad. T. T. Silva e G. L. Louro. Rio de Janeiro: SP&A, 2006.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis-RJ, Vozes, 2007. p.103-133.  
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2000**. Disponível em:[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/universo.php?tipo=31o/tabela13\\_1.shtm&paginaatual=1&uf=14&letra=P](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/universo.php?tipo=31o/tabela13_1.shtm&paginaatual=1&uf=14&letra=P). Acesso em 03 de fevereiro de 2009.

MAHER, T. M. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilingüismo. In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (orgs.). **Lingüística Aplicada – suas fases e interfases**. Campinas, SP; Mercado de Letras, p. 225-270.

MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Trad. C. Roland e C. M. Pinto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989 [1920].

RAMPTON, B. **Crossing: Language and ethnicity among adolescents**. London & New York: Longman, 1995.

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P.M. **Sociolingüística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002 (2ª edição).

SILVA, T. T. **O currículo como fetiche: a poética e a política no texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.



## Anexo 02

### O comércio de Pacaraima em alta temporada



Foto: T. Campos, janeiro de 2009



Foto: E. Braz, janeiro de 2009

### As representações simbólicas da identidade nacional em região de comércio



Foto: T. Campos, janeiro de 2009



Foto: E. Braz, janeiro de 2009

### O hibridismo linguístico



Foto: T. Campos, janeiro de 2009



Foto: T. Campos, janeiro de 2009